



## TERRITÓRIOS FESTIVOS: O INTANGÍVEL E AS MATERIALIDADES NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM PIRENÓPOLIS, GOIÁS

Tereza Caroline Lôbo<sup>1</sup>  
João Guilherme da Trindade Curado<sup>2</sup>

### RESUMO

Trazemos enquanto estudo de caso, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Goiás, que acontece nas comemorações de Pentecostes e está localmente ligada às heranças rurais, espacialidade ocupada após a rápida atividade de exploração aurífera ocorrida no século XVIII. Pretende-se aqui uma análise que parta dos aspectos intangíveis da festividade e de quem dela participa, buscando entender as maneiras pelas quais a Festa e seus partícipes se apresentam além da aparência, procurando destacar as emoções e as afetividades nas ações devocionais ao Divino. Esta tradição criou ao longo do tempo espaços que podem ser compreendidos como territórios festivos, que se mostram dinâmicos ao longo do tempo. Consideramos festa como um “fato social total” (MAUSS, 2003), ancoramos em Giddens (2003) para compreender os mecanismos para a perpetuação local da tradição e, aportamos na etnogeografia de Claval (1999) e Almeida (2008) como possibilidade de investigar o intangível. É no território festivo que podemos perceber a coesão de elementos que predispõem compreensões sobre o intangível, como as corporeidades, memórias, moda, narrativas, vestimentas (MAIA, 2020 e 2021) e ainda os rituais e as resiliências que se estendem por mais de dois séculos, onde podemos destacar ainda as sensações visuais, auditivas, olfativas, táteis e gustativas, alguns deles já abordados em momentos anteriores (LÔBO, 2006 e CURADO 2006). Percebemos que estudos reunidos em Almeida (2018) sobre “Territórios de tradições e de festas” tangenciam vários aspectos que propomos emergir em relação à Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.

**Palavras-chave:** Festa do Divino Espírito Santo, Pirenópolis, Territórios festivos, Etnogeografia, Intangível.

## FESTIVE TERRITORIES: THE INTANGIBLE AND THE MATERIALITIES IN THE FEAST OF THE HOLY DIVINE SPIRIT IN PIRENÓPOLIS, GOIÁS

### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG, terezacarolinelobo@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutor pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG, joajgguilherme@gmail.com;



We bring as a study case the Feast of the Holy Divine Spirit from Pirenópolis, Goiás that takes place during the Pentecost commemorations and is locally linked to rural heritage, a space occupied after the rapid activity of gold exploration that took place in the 18th century. We intend here an analysis that starts from the intangible aspects of the festivity and who participates in it, seeking to understand how the Feast and its participants are presented beyond appearance, seeking to call attention to the emotions and affectivities in devotional actions towards the Divine. This tradition has created spaces throughout the years that can be understood as festive territories, which show themselves to be dynamic over time. We consider Feast as a “total social fact” (MAUSS, 2003), as well as we anchored in Giddens (2003) to understand the mechanisms for the local perpetuation of tradition and tied up to the ethnogeography of Claval (1999) and Almeida (2008) as a possibility to investigate the intangible. It is in the festive territory that we can see the cohesion of elements that predispose understandings of the intangible: such as corporeality, memories, fashion, narratives, vestments (MAIA, 2020 and 2021), furthermore, the rituals and resilience that span more than two centuries, where we can still highlight the visual, hearing, olfactory, tactile and gustatory sensations, some of which have already been addressed in previous moments (LÔBO, 2006 and CURADO 2006). We realize that studies gathered in Almeida (2018) on “Territories of traditions and Feasts” touch on several aspects that we propose to emerge concerning the Feast of the Holy Divine Spirit of Pirenópolis.

**Keywords:** Feast of the Holy Divine Spirit, Pirenópolis. Festive Territories, Ethnography, Intangible.

## INTRODUÇÃO

Consideramos festa como um “fato social total” (MAUSS, 2003) que está espacializada em territórios sazonais, portanto, efêmeros e alterados em suas materialidades pelos intangíveis — estes ainda carentes de serem estudados nos contextos festivos.

Trazemos enquanto estudo de caso, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO, que acontece por ocasião das comemorações de Pentecostes e está localmente ligada às heranças rurais, espacialidade ocupada após a rápida atividade de exploração aurífera ocorrida no século XVIII. A Festa sucede em várias espacialidades impondo alterações nas funcionalidades e nas materialidades do cotidiano para que as manifestações das festividades aconteçam em suas plenitudes, o que compreendemos como emergência do imaterial, indispensável enquanto um dos mecanismos para a perpetuação local da tradição, compreendida segundo Giddens (2003).

A festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis tem sido constantemente estudada por nós, considerando aspectos históricos, sociais, econômicos e as religiosidades populares; mas o que se pretende aqui é uma análise que parta dos aspectos intangíveis da festividade e de quem dela participa, pois queremos entender as maneiras pelas quais



a Festa e seus partícipes se apresentam além da aparência, buscamos então destacar as emoções e as afetividades nas ações devocionais ao Divino.

A tradição festiva ao Divino em Pirenópolis criou ao longo do tempo espaços que podem ser compreendidos como territórios festivos, que se mostram dinâmicos a cada nova realização anual. Nosso olhar se volta para captar os bens culturais de natureza imaterial presentes durante várias edições da Festa em estudo, proporcionando à territorialidade festiva uma ampliação para além das materialidades passíveis diante apenas do explicitamente visível.

## **METODOLOGIA**

Definimos nossa proposta como um estudo de caso, de uma festa conhecida e da qual somos participantes ativos e conseqüentemente possuímos compreensões privilegiadas construídas ao longo de décadas de envolvimento com a tradição local e posteriormente aglutinamos, ainda, o foco de pesquisadores da cultura local; entretanto, não pretendemos, no momento, propor autobiografias e sim uma análise pautada na etnogeografia, seguindo observações de Claval: “1) O mundo que nós estudamos é moldado pela ação dos homens e se encontra marcado por seus saberes, seus desejos e suas aspirações. 2) A geografia que praticamos e que acreditamos científica (...) não é tão universal quanto nós imaginamos” (1999, p. 70). As duas exortações acima nos direcionam para reflexões mais pontuais, muitas vezes não percebidas, uma vez que quase sempre a valorização está no que se vê, enquanto o que não se consegue ver é o que se constitui enquanto amálgamas do que se pretende entender em suas especificidades.

Em concordância de que “o ponto de vista etnogeográfico é fecundo quando se aplica às sociedades cuja história é rica e complexa” (CLAVAL, 1999, p. 70) é que optamos por objeto de reflexão uma festa da qual pertencemos e estamos inseridos no contexto de sua realização, tendo contato com as pessoas que dela participam e conhecendo os meandros que a fez perpetuar, o que facilitará compreensões sobre as imaterialidades culturais que a compõem, que são muitas e bastante variadas. Uma vez que “o método etnogeográfico reconstitui primeiramente a percepção que os homens têm do mundo, aprofunda aquilo que pode explorar” (CLAVAL, 1999, p. 72-73), daí a nossa opção por estudar uma manifestação com a qual estamos envolvidos, também emocionalmente.



Diante do contexto atual, de suspensão temporária das aglomerações sociais e demais restrições pandêmicas, as territorialidades festivas foram esvaziadas e algumas manifestações, como missas e novenas, aconteceram com a participação extremamente limitada, mas transmitidas por redes sociais, ampliando as visibilidades para além da Igreja Matriz. Neste contexto, percebemos que os intangíveis se afloram e por isso emerge uma necessidade de melhor compreensão, o que tentaremos por meio de entrevistas virtuais e análises a partir de postagens em redes sociais — uma tímida introdução ao método netnográfico, seguindo as orientações de Andrade *et al* (2019), o que foi descomplicado com o público mais jovem, por utilizarem com maior frequência as redes sociais, registrando tradições e criando algumas inovações a cada nova edição. Com aqueles que vivenciam há tempo a Festa, buscamos mecanismos, como encontros virtuais que possibilitaram diálogos, uma vez que as restrições sociais se estendem.

Recorrendo aos nossos arquivos de pesquisa sobre a Festa do Divino, que possuem registros fotográficos, áudios com sons diversos e entrevistas, inúmeros vídeos que focam a festa, mas possibilitam percepção sobre emoções por meio de expressão de sentimentos, cartazes que demonstram as acuradas sensibilidades de artistas locais sobre o ato de representar visualmente os espaços festivos; documentos familiares alusivos aos festejos. Por meio de tais suportes da memória e da história, temos a possibilidade de investigar aspectos dos intangíveis presentes na comunidade e que podem ser evidenciadas, especialmente, durante o ato de festejar.

Diante do contexto de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, algumas “novas” diretrizes metodológicas foram necessárias, dentre elas destacamos a Netnografia, a qual recorreremos, pois conforme Kozinets (2014, p. 47), “ela se apega e incorpora uma imensa variedade de diferentes técnicas e abordagens de pesquisa”, possibilitando “discernir padrões em ampla escala” a partir dos dados disponibilizados “sobre comunidade e cultura online”. Seguindo tais orientações foi possível perceber algumas recorrências em relação ao intangível da Festa do Divino, uma vez que as exposições de sentimentos por meio de imagens, comentários e áudios, nos guiaram nas trilhas interpretativas de parte significativa da população.

A pesquisa bibliográfica foi pautada, especialmente, nas Ciências Humanas e as observações empíricas ou experienciadas também foram contribuições significativas no intuito de emergir o intangível que materializa a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Compreendemos que uma das possibilidades de se investigar o intangível em um território festivo é partindo da etnogeografia, pois segundo Claval (1999, p. 74): “todas as sociedades merecem ser estudadas na ótica etnogeográfica, porque todas refletem ao menos em parte as representações que seus membros compartilham”, compartilhamento nem sempre disponível ou alcançado por grande parte dos pesquisadores que possuem outras perspectivas de análise. Assim, nos propomos à tentativa de tal intento diante de uma Festa reconhecida como “Patrimônio Cultural do Brasil” desde 2010 (IPAHN, 2017).

Concordamos com Almeida (2008, p. 332) ao afirmar que “a etnogeografia busca penetrar na intimidade dos grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo”. Entendemos como sendo o íntimo, o próximo e/ou a familiaridade com o grupo, uma das possibilidades de conseguir desvelá-lo além de partícipes e apenas em materialidades, mas como seres complexos que se expressam por meio de várias possibilidades, nem todas elas passíveis de decodificações a “outsiders” recorrendo a uma das categorizações trabalhadas por Elias e Scotson (2000), pois a intimidade é algo quase sempre preservada, inclusive entre os pares. Acreditamos que muito se aprende e apreende sobre a festa somente ao festar!

É no território festivo que podemos perceber a coesão de elementos que predisõem compreensões sobre o intangível, como as corporeidades, memórias, moda, narrativas, vestimentas (MAIA, 2020 e 2021) e ainda os rituais e as resiliências que se estendem por mais de dois séculos na Festa do Divino em Pirenópolis, onde podemos também sobrepujar as sensações, com destaque para os visuais, auditivos, olfativos, táteis e gustativos, alguns deles já abordados em investigações anteriores (LÔBO, 2006 e CURADO 2006). Percebemos que estudos reunidos em Almeida (2018) sobre “Territórios de tradições e de festas” tangenciam vários aspectos que propomos emergir em relação à Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



Propomos como item de reflexão inicial as bandeirolas, elemento típico das festas juninas no nordeste do Brasil e em outras festividades pelo país afora, mas que na Festa do Divino em Pirenópolis possuem significados muito mais amplos que o caráter estético de ornamentação das ruas da cidade por onde passa o cortejo do Imperador no Domingo do Divino (Pentecostes).

**Figura 01:** Manhã do Domingo do Divino em Pirenópolis/GO



**Fonte:** João Guilherme Curado, 04/06/2006.

As bandeirolas brancas e vermelhas são dispostas em cordão e ornamentam o trajeto do Cortejo do Imperador, entrelaçando os espaços casa-rua-igreja. O elemento adicional delimita o território festivo de maneira bastante efêmera, mas possui uma complexidade no imaginário local. É preciso salientar que não há notícias de Domingo do Divino sem bandeirolas em Pirenópolis e existem observações nem sempre compartilhadas sobre tal adorno como, por exemplo, em relação aos espaçamentos entre um fio e outro, agradando ao pirenopolino a maior proximidade. Existem nas narrativas locais a avaliação e o cuidado do Imperador em relação às bandeirolas, sendo elogiado aquele que a produz em demasia e acaba por doar o excedente ao próximo Imperador.

No entanto, faz-se necessário destacar que a produção das bandeirolas é um momento festivo à parte e delimita outras territorialidades que não as tradicionais da Festa do Divino, como casas de várias pessoas da comunidade que se dispõem a produzir as bandeirolas, antes uma ação mais artesanal, quando os papéis de seda eram cortados



manualmente, aparecendo, inclusive, diferença de tamanhos. Atualmente a ação é mais rápida, pois o Imperador entrega aos voluntários as bandeirolas cortadas em gráficas. As reuniões para a confecção das bandeirolas acontecem tempos antes da Festa e servem como um dos termômetros para medir a popularidade do Imperador e a disponibilidade da comunidade na colaboração voluntária, quando em retribuição são servidos chá com biscoito, bolos e outros alimentos festivos.

É ali, junto aos cordões esticados e umidecidos com grude (uma cola, recurso local produzido a partir de polvilho e água, mas que precisa de alguém com domínio do “ponto”) que se traçam planos de participação, criam “intimidade” com o Imperador, estabelecem parcerias, surgem convites para participação no cortejo e em outras manifestações festivas; enfim, criam-se vínculos necessários à condução dos trabalhos de realização da festa.

O “fazer” bandeirola na casa do Imperador ou em outras casas consoma parte da Festa e exige empenho, pois são muitos metros feitos a cada dia, e não podem haver erros na sequência das cores: branco e vermelho; outro ato falho é a não uniformidade de espaço entre as bandeirolas, o que só será denunciado quando forem elas expostas nas ruas.

Distinta transformação de possível percepção no território festivo é o uso, por alguns Imperadores, de bandeirolas produzidas a partir de tecido não tecido (TNT), o que desagrade parte da comunidade local, tanto pela plasticidade quando pela ausência do tilintar dos papéis de seda ao vento frio e seco característico das manhãs do Domingo do Divino. Outros descontentamentos partem dos mascarados, cuja função no mesmo dia seria arrebentar os cordões dispostos pelas ruas, como se rompessem com o reinado do Imperador que as enfeitou, uma vez que novo Imperador foi escolhido ao final da missa matinal. A problemática é que os cordões de bandeirolas de TNT são mais resistentes e atrapalham a ritualidade dos mascarados. Os moradores do trajeto do cortejo também não gostam da novidade, uma vez que alguns pedaços das bandeirolas ficam presas, por tempos, nos madeirames das casas e as de TNT quando chove soltam tinta vermelha nas brancas paredes, o que não ocorre com as de papel de seda que se desbotam rapidamente.

Um outro aspecto que integra os bens intangíveis dos festejos do Divino são as sonoridades que compõem uma paisagem ressoante dentro do território de domínio da festa. Estes sons são múltiplos e extremos, vão do suave ao estrondoso, passando pelo ruidoso, o barulhento, o harmonioso e o melodioso. Mas, são elementos de identificação das identidades festivas, compõem a tradição e por isso são reconhecidos pelos partícipes.



Durante as festividades o toque do tambor passa a integrar o cotidiano da cidade, “é então um chamado para os ensaios, e parece dizer no ruflar dos tambores: ‘vão pro campo cavaleiros’, ‘vão pro campo cavaleiros’, ‘vão pro campo cavaleiros’” (BRANDÃO, 1974, p. 104). Ou ainda, ao som da Zabumba, que entoa nas madrugadas o anúncio de que é tempo de festa, a Banda de Couro,

típica dos negros e a mais antiga banda de música da cidade, formada principalmente por crianças e adolescentes (...). É um conjunto de percussão, com instrumentos de couro — zabumba, rufadeira e caixas de vários tamanhos. No passado, havia o pífano, hoje, há um saxofone que entremeia modinhas ao compasso das batidas nas caixas e cujo som dá ritmo e cadência ao cortejo do *Reinado* (LÔBO, 2006, p. 46).

No trajeto dos cavaleiros, nas madrugadas e no meio da tarde, quando vão e quando voltam dos ensaios das cavalcadas seguem um ritual, “vêm em cortejo, uma fila de cada lado da rua, cantando uma série de músicas que estabeleceram como suas” (PEREIRA, 1983, p. 140). No percurso, a parada na casa do Imperador para cantar o Hino do Divino, tomar o café oferecido por ele e beijar a Coroa, — símbolo de devoção —, é obrigatório, bem como, a passagem na porta da Igreja do Bonfim aonde o sinal da cruz, gesticulado pelos cavaleiros, saúda o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estes ritos são anunciados pelos estrondosos tiros de ronqueira — tiro de tocos — que de tão fortes, são ouvidos em toda cidade.

Desse modo, a rotina e os sons característicos do cotidiano da cidade são alterados e o barulho dos carros e das pessoas que transitam pelas ruas são intercalados pelos fogos de artifícios e tiros de ronqueira, pelas batidas de tambores, pelo trotar dos cavalos ao tocarem com suas ferraduras os calçamentos em pedra da cidade, pelos sons cantantes dos cavaleiros seguindo em direção aos ensaios das Cavalcadas ou das alegres e festivas “farofadas” (Figura 2) que, além de farta comida servida aos presentes têm muita música, catira, benditos de mesa, Hino do Divino e as tradicionais músicas rancheiras, responsáveis pelas sensações auditivas, que se misturam às gustativas, olfativas, táteis e visuais que dão existência e compreensão aos aspectos intangíveis da celebração em questão.





**Figura 02:** “Farofadas”: comer, beber e rezar



**Fonte:** João Guilherme Curado, 02/06/2011.

Esta balbúrdia festiva é capaz de calcinar os mais díspares sentimentos, mas exortam as emoções e os afetos e dão inteligibilidade para os rituais que estruturam a Festa. Os sons, sejam eles na forma de música ou melodias, ou de ruídos, carregam suas particularidades e suas lembranças, que associados a outros elementos dão compreensão à Festa e sentido à vida daqueles que se identificam com a cultura local.

As músicas entoadas pela Banda Phoenix se fazem presentes no ápice da Festa, nas Cavalhadas, por exemplo, são muito apreciadas pela população que acompanha os rituais. São reconhecidas por aqueles que participam, pois despertam emoções particulares nos que a ouvem e revivem, ano a ano, a encenação teatralizada como um espetáculo ritual. Isso acontece porque os sons musicais são ferramentas essenciais na construção da técnica narrativa da tradição cultural, contém potencial sensibilizador e estão conectados à produção e a emissão dos símbolos transmitidos de geração em geração.

Ao serem introduzidas em Meia Ponte, antiga Pirenópolis, em 1826, a apresentação das Cavalhadas ocorria no largo da Matriz e, além das vestimentas, as evoluções dentro do campo, ou castelos — mouro, vermelho, e cristão, azul — desde a primeira edição foram acompanhadas por uma banda de música, apesar da falta de registro descritivo das



primeiras encenações. Provavelmente uma das bandas de música que atuou nas Cavalhadas, pode ter sido a Banda Militar formada por Joaquim Alves de Oliveira, criada em 1830 e extinta em 1851. Segundo Kiefer (1977), em seus relatos que reúne vários pesquisadores, chama atenção para a presença do negro escravo nas bandas no período colonial, assevera que estes, tocavam música com alto desempenho, eram conhecedores de solfejo e teoria de música. Consta ainda, que senhores de engenho colocavam alguns de seus escravos para tocar e alegrar as festas, possivelmente isso seria próximo ao que acontecia na antiga Meia Ponte — hoje Pirenópolis — e que possibilitava a realização das festas sagradas e profanas.

Nas narrativas da Festa do Divino estão as histórias das corporações musicais que enchem de orgulho e emoção os pirenopolinos. A segunda Banda a atuar, nestes festejos, foi a “Banda Euterpe”, criada em 1868, da qual foi regente Antônio da Costa Nascimento, conhecido por Tônico do Padre, designação a ele dada pelo fato de morar com seu irmão, o padre Francisco Inácio da Luz (1821-1879), “também responsável pela criação de uma orquestra e da corporação musical Euterpe” (PINA FILHO, 1986, p. 3). Tônico do Padre teve uma atuação relevante, “viveu e aprendeu uma infinidade de artes: a música, a pintura, a escultura, a marcenaria, a arte de construir, de fazer vinhos e toda uma preparação que veio permitir a Tônico do Padre ocupar destacado lugar na sociedade local”, tendo atuado, dentre tantas funções na vida pública da cidade, como mestre de música (PINA FILHO, 1986, p. 4).

E foi como mestre de música que compôs várias quadrilhas para a banda: em 1887 “Piqui ou “Calino”, “Viegas” ou “Viegas escafedeu-se”; em 1890, “Virgínia”; em 1892, “Comissão do Planalto”, “Harmonias do coração”, “Zulmira” e “Jacy”; em 1893, “Tim Tim por Tim Tim”; em 1895, “Carmélia”; em 1896, “18 de setembro”; em 1897, “Sempre Chorando” e “Quadrilha Deodato”; e “16 de junho de 1900” (PINA FILHO, 1986, p. 19). Nenhuma dessas quadrilhas são tocadas hoje no campo das Cavalhadas, somente “Tim tim por tim tim” foi recentemente executada pela Banda Phoenix em recital. No entanto, o estilo musical se consagrou e os galopes, as quadrilhas, os dobrados, as marchas e as valsas integram a sonoplastia da Festa do Divino e alimentam as memórias sonoras de um passado reconhecido como erudito e musicalmente muito rico. É dele o “Hino do Divino”, a música mais executada durante as comemorações de Pentecostes em Pirenópolis e que emociona, de modo especial, aos pirenopolinos.



Na constituição deste território festivo está a centenária banda de música Phoenix que, em 1893 foi criada por Mestre Joaquim Propício de Pina, e que dividiu com a Banda Euterpe, por mais de quatro décadas, o protagonismo na execução das músicas sacras e profanas nos festejos populares, dentre eles, as cavalhadas, as alvoradas, os cortejos. A decisão pela escolha da Banda ficava a cargo do Imperador, que optava, ainda, se bancaria ou não a realização das batalhas entre mouros e cristãos.

Com a morte de Tônico do Padre, em 1903, a regência da Banda Euterpe coube ao major Silvino Odorico de Siqueira que a regeu até 1935, quando a Banda deixou de existir. Nos últimos anos de vida, já doente, seu filho, Vasco da Gama de Siqueira, o auxiliava na regência da corporação. A Banda Phoenix continuou atuante, acumulando toda produção musical da Banda Euterpe e das outras extintas Bandas, comemorando, neste ano de 2021, 128 anos de existência, tendo uma atuação vigorosa. É reconhecida, não somente por manter viva a musicalidade pretérita, mas por buscar inovar seu repertório, agradando os mais sensíveis ouvidos. Assim, foi observado por Brandão, no seu trajeto de pesquisa pela Festa:

em alguns momentos a Banda de Música executa, sobretudo nas alvoradas, músicas muito atuais (A Banda, O Rio de Piracicaba). Os jovens acompanhantes do cortejo demonstram apreciar a novidade, o que não é visto com bons olhos pelos mais velhos. Há, por outro lado, pequenos dobrados, maxixes e modinhas que se garante serem originais da cidade e muito tradicionais na Festa (1978, p. 146).

Continua o pesquisador descrevendo as paisagens sonoras da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis destacando o simbolismo dos cantos, das músicas e das orações em suas expressões cênicas, plásticas e musicais que compõem os rituais festivos que constituem as dinâmicas destes territórios festivos. Escreve que

a cidade reproduz na Festa as suas orações, cantos e toques religiosos e marciais, tão mais carregados de significados simbólicos, quanto mais antigos e mais “próprios de Pirenópolis”. Uma parte muito grande do valor atribuído à Festa está em que ela possibilita: ou a reprodução ritualizada de orações, músicas e gestos não originados na cidade, mas tornados uma tradição local; ou a repetição de cantos de fé produzidos por “gente da cidade” como o Hino do Divino, possivelmente o mais profundo símbolo da Festa, cantado em uma delas, um sem-número de vezes em um sem-número de situações (BRANDÃO, 1978, pp. 70-71).



A arte expressa pela cultura pirenopolina ao festejar o Divino Espírito Santo vai além da compreensão imediata e constitui uma linguagem peculiar capaz de comunicar e transmitir uma tradição secular por meio dos fazeres, saberes, expressões e várias celebrações, algumas performáticas. Assim, a cultura vai perpetuando, sendo representativa, das histórias de vida das pessoas do lugar e da sociedade que reconhece nestes bens intangíveis um elo de ligação entre os pirenopolinos.

Por outro lado, as materialidades das corporeidades que transitam pelos espaços festivos em comemoração ou em devoção ao Divino em Pirenópolis, portam, por meio do que vestem, significativos diversos que remetem à significância presencial do ser naquele instante em que pode estar representando, recorrendo às modalidades de participação aqui mencionadas: cavaleiros, músicos da Banda Phoenix ou da Zabumba, Folião. Mas pode ser ainda todos eles, desde que em cada momento se cubra com as distintas vestimentas. O vestir, implica socialmente durante a Festa do Divino, a indicação de que corporeidade aquele que veste está participando ou representando no universo festivo, por isso a tradição implica em alterações pouco significativas nos trajes dos rituais mais importantes do ponto de vista ritualístico; sendo as mudanças, mesmo que necessárias, passíveis de críticas, pois podem extrapolar as fronteiras concebidas para o intangível, comprometendo a essencialidade representativa presente no imaginário local.

Ao pensar nas vestimentas e conseqüentemente na moda da Festa do Divino em Pirenópolis, concordamos com a proposição de que “a moda ‘incorporada’, andante, sexualizada, socializada, comercializada etc. muito nos informa sobre a vida urbana e as cidades pela leitura das múltiplas corporeidades especializadas que se apresentam e representam cotidianamente” (MAIA, 2021, p. 259).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As representações de que nos fala Maia acima se fazem presentes em grupos sociais distintos e perceber os aspectos intangíveis nas materialidades do cotidiano, ou mesmo na alteração momentânea dele, como nos instantes festivos; o que é uma atividade bastante instigante, pois mais que observar o que é mostrado explicitamente, assim como narrado, o pesquisador precisa aprofundar um pouco mais nos aspectos ligados ao imaginário tradicionalmente vivido e transmitido.



Um tanto quanto mais complexo é buscar o intangível, utilizando-se dos diversos sons: bandeiras, fogos de artifício, ronqueiras (tiros de toco), bandas de música, Zabumba e outros tantos som que reverberam como características de uma festa e que por isso são decodificados pelos que ali habitam, não só como sons específicos, mas como possibilidades, por meio da audição, de se sentir presente e integrante não só da festa que está acontecendo, mas das que já ocorreram, até mesmo ante de sua existência e as que estão por vir, mesmo que a corporeidade em questão não esteja mais presente.

Outra exemplificação que podemos chamar à lume é a alimentar, mencionada em alguns momentos, mas que dispensamos aprofundamentos, pois o intento era demonstrar que a fartura manifesta na distribuição de alimentos em momentos diversos remete a uma relação de reciprocidade com os demais, mediante as comidas de festas, que tem cheiros e gostos específicos e com amplo significado, que extrapola, a materialidade; assim como as vestimentas quase nunca usadas no decorrer do ano, mas que quando a festa chega, ganha as ruas, trazendo novos significados nos percursos das corporeidades que se movimentam em ritmos diversos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo. SERPA, Anegelo (Org.) **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 313-336.

ALMEIDA, M. G. (Org.). **Territórios de tradições e de festas**. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

ANDRADE, L. L. et al. Compreender como é realizado o método netnográfico. **XIV Workshop de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Paula Souza**. São Paulo, 2019, p. 415-424. Disponível em: [http://www.fatecguaratingueta.edu.br/Anais-XIV-Workshop/artigos/SISTEMAS\\_PRODUTIVOS/GESTAO\\_E\\_MUDANC\\_ORG\\_pdf/compreender\\_como\\_e\\_realizado\\_o\\_metodo\\_netnografico.pdf](http://www.fatecguaratingueta.edu.br/Anais-XIV-Workshop/artigos/SISTEMAS_PRODUTIVOS/GESTAO_E_MUDANC_ORG_pdf/compreender_como_e_realizado_o_metodo_netnografico.pdf). Acesso em: 11 jun. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978.

BRANDÃO, C. R. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia, Oriente, 1974.

CLAVAL, P. Etnogeografia – Conclusão. **Espaço e Cultura** (UERJ), V. 7, P. 69-74, 1999.



CURADO, J. G. T. **As alterações ocorridas na paisagem por onde passam as procissões de Pirenópolis – Goiás: 1920 a 2005.** Goiânia: IESA/UFG, 2006. 191f. (Mestrado em Geografia).

ELIAS, N.; SCOTSON, Jo. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 47-60.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás.** Brasília: Iphan, 2017.

KIEFER, B. **História da música brasileira, dos primórdios ao início do séc. XX.** Porto Alegre: Movimento, 1977.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÔBO, T. C. **A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis/Goiás.** Goiânia: IESA/UFG, 2006. 152f. (Mestrado em Geografia).

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Geografia do sobrenatural: das memórias aos memoriais. **Boletim Goiano de Geografia**, V. 40, 21 p. 2020.

MAIA, C. E. S. Moda: um fenômeno urbano. In: MAIA, C. E. S.; MOREIRA, J. F. R.; TUMA, R. L. (Orgs.). **Corpos cobertos desnudando espacialidades: vestimenta, roupa, traje, fantasia e moda na Geografia.** Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2021. p. 245-270.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PEREIRA, N. S. JARDIM, M. P. S. V. **Uma festa religiosa brasileira – Festa do Divino em Goiás e Pirenópolis.** São Paulo, Conselho de Artes e Ciências Humanas, 1978.

PINA FILHO, B. W. P. Antônio da Costa Nascimento (Tônico do Padre): um músico no sertão brasileiro. In: **Revista Goiana de Artes.** Goiânia: CEGRAF/UFG, 1986. p. 1-24.